



acesso
cultura
access
culture

Prémio Acesso Cultura – Linguagem Simples 2017

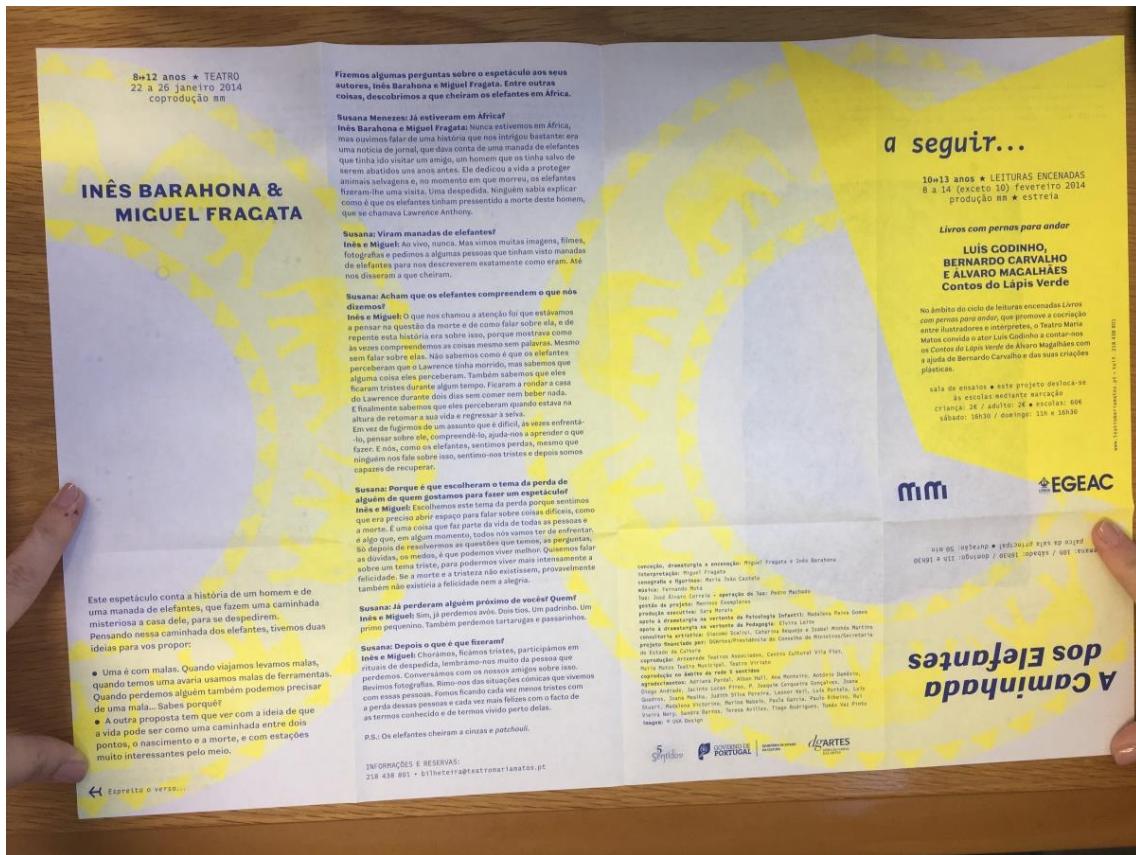
23 de Março de 2017

Padrão dos Descobrimentos, Lisboa

Prémio Acesso Cultura – Linguagem Simples 2017

Maria Matos Teatro Municipal

Texto da folha de sala do espectáculo “A Caminha dos Elefantes”, de Inês Barahona e Miguel Fragata



O texto:

Olá!

Se acabaste de ver o espetáculo *A Caminhada dos Elefantes*, temos duas ideias para te propor:

- Uma é com malas. Quando viajamos levamos malas, quando temos uma avaria usamos malas de ferramentas. Quando perdemos alguém também podemos precisar de uma mala... Sabes porquê?
- A outra proposta tem que ver com a ideia de que a vida pode ser como uma caminhada entre dois pontos, o nascimento e a morte, e com estações muito interessantes pelo meio.

Sabes porquê?

- A outra proposta tem que ver com a ideia de que a vida pode ser como uma caminhada entre dois pontos, o nascimento e a morte, e com estações muito interessantes pelo meio.

Fizemos algumas perguntas sobre o espetáculo aos seus autores, Inês Barahona e Miguel Fragata. Entre outras coisas, descobrimos que “os elefantes cheiram a cinzas e patchouli”.

Já estiveram em África?

Nunca estivemos em África, mas ouvimos falar de uma história que nos intrigou bastante: era uma notícia de jornal, que dava conta de uma manada de elefantes que tinha ido visitar um amigo, um homem que os tinha salvo de serem abatidos uns anos antes. Ele dedicou a vida a proteger animais selvagens e, no momento em que morreu, os elefantes fizeram-lhe uma visita. Uma despedida. Ninguém sabia explicar como é que os elefantes tinham pressentido a morte deste homem, que se chamava Lawrence Anthony.

Viram manadas de elefantes?

Ao vivo, nunca. Mas vimos muitas imagens, filmes, fotografias e pedimos a algumas pessoas que tinham visto manadas de elefantes para nos descreverem exactamente como eram. Até nos disseram a que cheiram.

Acham que os elefantes compreendem o que nós dizemos?

O que nos chamou a atenção foi que estávamos a pensar na questão da morte e de como falar sobre ela, e de repente esta história era sobre isso, porque mostrava como às vezes compreendemos as coisas mesmo sem palavras. Mesmo sem falar sobre elas. Não sabemos como é que os elefantes perceberam que o Lawrence tinha morrido, mas sabemos que alguma coisa eles perceberam. Também sabemos que eles ficaram tristes durante algum tempo. Ficaram a rondar a casa do Lawrence durante dois dias sem comer nem beber nada. E finalmente sabemos que eles perceberam quando estava na altura de retomar a sua vida e regressar à selva.

Em vez de fugirmos de um assunto que é difícil, às vezes enfrentá-lo, pensar sobre ele, compreendê-lo, ajuda-nos a aprender o que fazer. E nós, como os elefantes, sentimos perdas, mesmo que ninguém nos fale sobre isso, sentimo-nos tristes e depois somos capazes de recuperar.



Porque é que escolheram o tema da perda de alguém de quem gostamos para fazer um espetáculo?

Escolhemos este tema da perda porque sentimos que era preciso abrir espaço para falar sobre coisas difíceis, como a morte. É uma coisa que faz parte da vida de todas as pessoas e é algo que, em algum momento, todos nós vamos ter que enfrentar. Só depois de resolvemos as questões que temos, as perguntas, as dúvidas, os medos, é que podemos viver melhor. Quisemos falar sobre um tema triste, para podermos viver mais intensamente a felicidade. Se a morte e a tristeza não existissem, provavelmente também não existiria a felicidade nem a alegria.

Já perderam alguém próximo de vocês? Quem?

Sim, já perdemos avós. Dois tios. Um padrinho. Um primo pequenino. Também perdemos tartarugas e passarinhos.

Depois o que é que fizeram?

Chorámos, ficámos tristes, participámos em rituais de despedida, lembrámo-nos muito da pessoa que perdemos. Conversámos com os nossos amigos sobre isso. Revimos fotografias. Rimo-nos das situações cómicas que vivemos com essas pessoas. Fomos ficando cada vez menos tristes com a perda dessas pessoas e cada vez mais felizes com o facto de as termos conhecido e de termos vivido perto delas.

P.S.: Os elefantes cheiram a cinzas e *patchouli*.

A apreciação do júri:

Entre tantos candidatos interessantes, não foi fácil escolher um vencedor. Mas houve um texto que se destacou pela forma inteligente e acessível como abordava um assunto difícil, a morte, para um público que também não é nada fácil: crianças dos 8 aos 12 anos.

A folha de sala d' "A Caminhada dos Elefantes" convida os espetadores a conhecer a história de um homem e de uma manada de elefantes que fazem uma caminhada misteriosa a casa dele para se despedirem. Conta-lhes, através de uma entrevista com os autores, a origem do espetáculo. Oferece-lhes uma mala de ferramentas para lidarem com a morte de um familiar, amigo ou animal de estimação, que há-de acontecer um dia. E convida-os a desenhar um mapa dos acontecimentos mais importantes da sua própria vida.

Fá-lo usando com eficácia os truques do arsenal da clareza:

- linguagem simples mas rica, adequada ao público-alvo
- informação completa, atenta às necessidades do leitor
- títulos informativos e tipografia que diferencia os vários tipos de informação
- design convidativo, com muito espaço em branco.



Uma avaliação apressada poderia levar-nos a crer que é fácil usar este arsenal ao escrever para crianças. Bastaria “nivelação por baixo”. Mas quem já experimentou escrever para este público sabe que não é assim. Pelo contrário, há pelo menos duas dificuldades adicionais:

1. A tentação do paternalismo é forte. Para lhe resistir, é preciso não esquecer que a suposta ingenuidade infantil é muito exigente quanto à verdade e ao rigor dos conteúdos.
2. A simplicidade é uma coisa complicada. Aos 15 anos, Picasso já pintava com o perfeito domínio técnico das academias. Na velhice, confessou que tinha demorado a vida inteira a aprender a pintar como as crianças. No mundo superformatado em que nos movemos, a simplicidade sem concessões requer um grande esforço de reconstrução.

E.B.White, autor da bíblia da escrita clara *The Elements of Style* mas também de livros infantis, dizia: “Quem escreve de cima para baixo para as crianças está simplesmente a desperdiçar o seu tempo. É preciso escrever para cima, não para baixo. As crianças são exigentes. São os leitores mais atentos, curiosos, observadores, sensíveis, inteligentes e gentis que existem. Aceitam, quase sem questionar, qualquer coisa que lhes apresentemos, desde que seja apresentada honestamente, sem medo e com clareza.”

(Sandra Fisher-Martins, membro do júri)

Júri do Prémio Acesso Cultura – Linguagem Simples 2017

Cláudia Camacho, Curadora / Antiframe

Rita Caré, Bióloga / Comunicação de Ciência

Sandra Fisher-Martins, Directora da Claro



acesso
cultura
access
culture

Menção Honrosa

Museu de Évora

Texto em painel na exposição permanente: "Megalitismo em Évora"



O texto:

Megalitismo em Évora

As grandes construções em pedra, conhecidas como monumentos megalíticos (mega - grande | lithos – pedra), foram realizadas pelas primeiras comunidades agro-pastoris que se estabeleceram na região há 7500 anos. Em Portugal, o Alentejo reúne a maior concentração destes monumentos, essencialmente dedicados ao culto dos mortos, à marcação de territórios e às manifestações mais ancestrais de religiosidade do Homem.

Existem duas tipologias: os monumentos não funerários e os funerários. Os primeiros, mais antigos, denominados menires, podem aparecer isolados ou em conjunto, como acontece no recinto megalítico dos Almendres, perto de Évora. Estes monumentos estarão simbolicamente associados aos fenómenos astronómicos da mudança das estações (solstícios e equinócios), essenciais à prática da agricultura.

Os dólmens ou antas apareceram mais tarde e eram monumentos funerários construídos como uma gruta artificial. Os corpos eram enterrados juntamente com objetos: machados de pedra, cerâmicas, colares e placas de xisto. Esta forma de enterramento indica a crença na vida depois da morte.

Destes conjuntos de objetos, as placas em xisto gravadas com desenhos geométricos são uma manifestação única desta região. Colocadas provavelmente em volta do pescoço do defunto, estas placas poderiam ser pequenos amuletos ou formas de identificação familiar ou tribal.

De entre as cerca de 70 antas identificadas na região de Évora, destaca-se a Anta Grande do Zambujeiro considerada a mais alta do mundo. O espólio recolhido durante as escavações desta Anta conserva-se no Museu de Évora e é composto por centenas de placas de xisto, machados, pontas de seta, cerâmicas e contas de colar que podem ser vistos em exposição (piso -1).

Apreciação do júri:

O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é - ou deveria ser - a mais elevada forma de arte.

Charles Chaplin

O Museu de Évora apresentou três textos de uma simplicidade esmagadora. Passado algum tempo, após as votações das juradas, ainda parece ser incompreensível entender como é que uma abordagem à temática megalítica pode ter sido, num conjunto vasto de textos, um dos que mais nos seduziu. Já alguém dizia que “a simplicidade é o último resultado da experiência, a derradeira força do génio”. E os textos apresentados pelo Museu de Évora vieram provar que a destreza da escrita só pode estar intimamente ligada ao conhecimento profundo e fundamentado e, formalmente, afastado da eloquência sem sentido. O texto envolvente, a escrita simples, a explicação exacta de certa terminologia, a linguagem inclusiva, a cadência frásica e o tamanho adequado fazem deste texto um exemplo a seguir.

(Cláudia Camacho, membro do júri)